



PRÁTICAS EDUCACIONAIS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: EXPERIÊNCIAS COM O OITAVO ANO NO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Jaqueline Moreira de Sa Bezerra
j218437@dac.unicamp.br¹

Láila Amorim de Oliveira Cajaiba
l246569@dac.unicamp.br²

Victor de Carvalho
v225108@dac.unicamp.br³

Beatriz Agostinho Giarola⁴
b165534@dac.unicamp.br

Resumo

Neste trabalho, apresentamos e discutimos práticas pedagógicas desenvolvidas simultaneamente por duas duplas de residentes do Programa de Residência Pedagógica -- Subprojeto Educação Física e Geografia da Universidade Estadual de Campinas em duas turmas de oitavo ano em uma escola estadual no primeiro semestre de 2023. Nas aulas, buscamos desenvolver por meio de metodologias ativas as habilidades EF08GE18 e EF08GE19 da Base Nacional Comum Curricular, também previstas no Currículo Paulista, relacionadas a formas de representação e pensamento espacial, envolvendo a interpretação e a elaboração de mapas e outras representações cartográficas, como cartogramas, mapas esquemáticos (croquis) e anamorfozes geográficas de informações geográficas especialmente do continente africano, de forma a analisar as redes e as dinâmicas urbanas e rurais, ordenamento territorial, contextos culturais, modo de vida e usos e ocupação do solo. Concluímos que as metodologias utilizadas suscitaram o interesse, a participação e possibilitaram a consolidação de conceitos prévios, ainda que de forma não homogênea entre todos os alunos.

Palavras-chave: África, metodologia ativa, educação cartográfica.

¹ Graduanda em Geografia na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Bolsista do Programa de Residência Pedagógica.

² Graduanda em Geografia na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Bolsista do Programa de Residência Pedagógica.

³ Graduando em Geografia na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Bolsista do Programa de Residência Pedagógica.

⁴ Graduanda em Geografia na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Bolsista do Programa de Residência Pedagógica e do Programa de Apoio Didático (PAD) da disciplina de Meio Ambiente Urbano.



Introdução

A preparação inicial dos futuros professores e profissionais da educação exige a realização de estágios curriculares, cruciais para o desenvolvimento da prática pedagógica, já que proporcionam aos estudantes a oportunidade de vivenciar e explorar a prática educacional ao longo de sua jornada formativa.

Pode-se dizer que o motor que anima e dá sentido ao estágio tanto na Pedagogia como nas demais licenciaturas é a busca da relação contínua possível e necessária entre os estudos teóricos e a ação prática cotidiana. [...] Importa analisar o que acontece, como, por que, onde, com quem e quando acontecem determinadas situações buscando um novo sentido diante do que está sendo observado e apreendido no processo junto à realidade observada (CALDERANO, 2012, p. 251).

Para além dos estágios curriculares obrigatórios, o Programa de Residência Pedagógica foi instituído pela Portaria GAB n. 38, de 28 de fevereiro de 2018, com o objetivo principal de aprimorar a qualidade da formação inicial de professores e fomentar uma avaliação mais abrangente dos futuros educadores, por meio da realização de supervisões regulares. Os projetos são estabelecidos por meio de um sistema de colaboração, mediante a formalização de um Acordo de Cooperação Técnica (ACT) entre o Governo Federal, representado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — CAPES, órgão do Ministério da Educação, e as unidades federativas, por meio de suas secretarias estaduais de educação ou órgãos equivalentes.

No presente artigo, serão compartilhadas algumas de nossas experiências no âmbito do Programa de Residência Pedagógica — Subprojeto Educação Física e Geografia da Universidade Estadual de Campinas. Atuamos em duas duplas de residentes, simultaneamente, em duas turmas do 8º ano de uma escola pública de ensino fundamental da rede estadual paulista, acompanhando o mesmo professor de Geografia.

No total foram quatro aulas, duas para cada dupla, no primeiro semestre de 2023, sendo uma em cada bimestre. Nas aulas, utilizamos a metodologia ativa, que consiste em uma abordagem pedagógica fundamentada em estratégias instrucionais que têm o propósito de envolver os estudantes de forma ativa, permitindo que se tornem os principais agentes na construção de seu próprio conhecimento. Nesse sentido, essas metodologias se caracterizam por serem menos centradas na transmissão de informações e mais focadas no desenvolvimento de habilidades. Assim, foram trazidas atividades, imagens e



questionamentos prévios para que os alunos se sentissem confortáveis o bastante para participar de forma ativa das aulas.

Além da BNCC: as habilidades EF08GE18 e EF08GE19 por meio de práticas educativas que promovem o engajamento dos alunos

Tendo em vista a metodologia escolhida para ministrar as aulas, ao trabalhar as habilidades EF08GE18⁵ e EF08GE19⁶ da Base Nacional Comum Curricular -- BNCC, também previstas no Currículo Paulista⁷, relacionadas à representação cartográfica sobre os continentes africano e americano, o foco principal foi promover uma abordagem interativa e explicativa dos conteúdos, utilizando atividades e recursos didáticos como mapas e apresentações em *slides*. Adotar práticas educativas que despertem o interesse e o engajamento dos alunos é fundamental para promover uma aprendizagem significativa e, além disso, o uso atividades interativas, como a análise de imagens e o uso de recursos visuais, estimula os estudantes a participarem ativamente das aulas, a formular questionamentos e a construir conhecimento de forma colaborativa. Isso cria um ambiente propício para o desenvolvimento do pensamento crítico, da capacidade de análise e interpretação, além de fortalecer habilidades socioemocionais, como o trabalho em equipe e a empatia. Assim, essa estratégia permitiu um engajamento mais efetivo dos alunos, despertando seu interesse e curiosidade logo no início das aulas.

Outro ponto importante a ser destacado é a relevância de trabalhar essas habilidades na disciplina de Geografia e seu papel na compreensão da diversidade cultural, das relações geopolíticas e das transformações sociais e ambientais do mundo contemporâneo. Ao trabalhar conteúdos relacionados à África de forma contextualizada e crítica, os alunos têm a oportunidade de compreender a complexidade histórica e geográfica do continente, além de desconstruir estereótipos e visões reducionistas que são frequentemente difundidos. Isso certamente contribui para uma educação mais inclusiva, que valoriza as contribuições e as perspectivas dos povos africanos na construção da História e da Geografia global. Nesse sentido, as aulas que abordam a África representam um momento crucial na formação crítica e

⁵ Segundo a BNCC, a habilidade EF08GE18 consiste em: “elaborar mapas ou outras formas de representação cartográfica para analisar as redes e as dinâmicas urbanas e rurais, ordenamento territorial, contextos culturais, modo de vida e usos e ocupação de solos da África e América Latina”.

⁶ Segundo a BNCC, a habilidade EF08GE19 consiste em: “interpretar cartogramas, mapas esquemáticos (croquis) e anamorfozes geográficas com informações geográficas acerca da África e América”.

⁷ Disponível em:

<https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/wp-content/uploads/2019/09/curriculo-paulista-26-07.pdf>.

Acesso em: 10 de julho de 2023.



social dos alunos, pois, ao discutir a história e as transformações que o continente vivenciou, os estudantes são desafiados a refletir sobre as relações de poder, as injustiças históricas e as formas de resistência presentes na sociedade.

Isso contribui para uma consciência social mais ampla, permitindo que os alunos compreendam as desigualdades e os desafios enfrentados pelos povos africanos e estabeleçam conexões com realidades sociais, políticas e culturais presentes em seu próprio contexto. Adotar práticas educativas que despertam o interesse e o engajamento dos alunos no estudo da África é fundamental para a formação de cidadãos críticos, conscientes, que busquem cotidianamente desconstruir estereótipos e preconceitos enraizados na sociedade. Desta forma, a elaboração do plano de aula e as práticas pedagógicas escolhidas para trabalhar essas habilidades foram feitas visando atingir os objetivos expostos acima.

Primeiras aulas: Trabalhando a habilidade EF08GE18

A habilidade EF08GE18 foi trabalhada ao longo de duas aulas, de 45 minutos cada, por cada dupla de residentes com suas respectivas turmas. Cabe ressaltar que, apesar do plano de aula ter sido desenvolvido em conjunto pelos quatro residentes e de se ter combinado previamente quais atividades e práticas seriam realizadas, o decorrer e andamento das aulas tiveram algumas variações, visto que foram ministradas por pessoas diferentes e envolvem turmas distintas. As turmas desempenham um papel fundamental no andamento das aulas, uma vez que cada grupo de alunos possui suas próprias características, interesses, habilidades e necessidades, o que pode influenciar a forma como o conteúdo é recebido e compreendido. A interação entre os alunos, o nível de participação e engajamento, a capacidade de cooperação e a disposição para o diálogo podem variar consideravelmente de uma turma para outra. Esses fatores podem impactar a dinâmica das aulas, os tipos de questionamentos levantados, os debates gerados e até mesmo a extensão dos tópicos discutidos. Nessas duas primeiras aulas o andamento acabou sendo bem parecido em ambas as turmas, sendo apenas a finalização do conteúdo que apresentou maior divergência.

Na primeira parte da aula, foi realizada uma atividade prática na qual os alunos tiveram a oportunidade de observar diversas imagens de diferentes localidades da África e tentar adivinhar a origem de cada uma delas. Essa abordagem visou não apenas despertar o interesse dos alunos, mas também avaliar seus conhecimentos prévios sobre a África e identificar possíveis estereótipos e visões generalizadas que muitas vezes são difundidas pelo Ocidente.



Nessa atividade, os alunos foram incentivados a refletir sobre suas percepções e a compreender a diversidade étnico-cultural dos países africanos. Posteriormente, utilizando o *Google Earth*, revelou-se a localização de cada imagem, proporcionando aos alunos uma compreensão geográfica mais precisa. Em seguida, passou-se para uma abordagem mais expositiva, utilizando recursos didáticos como apresentações de *slides* e mapas. Essa parte da aula teve como objetivo explicar o processo histórico da apropriação do território africano pelos europeus, destacando momentos-chave como a Conferência de Berlim e o período do *Apartheid*, além de abordar o processo de descolonização das nações africanas.

Durante a exposição, foram trabalhadas questões fundamentais relacionadas à ocupação do espaço, à formação de territórios, de territorialidades e das fronteiras atuais da África. Além disso, foi dado destaque aos impactos políticos, econômicos e sociais decorrentes desse processo histórico. Dessa forma, os alunos foram incentivados a compreender as transformações que ocorreram no espaço africano e nas relações sociais, políticas e culturais em decorrência da colonização. Para finalizar a aula, estava prevista uma atividade no *Kahoot!*, plataforma *online* que é utilizada como tecnologia educacional em diversas escolas e instituições de ensino. A opção por utilizar essa tecnologia está relacionada com o fato de possibilitar que os alunos trabalhem em grupo, se divirtam e participem ativamente da aula, ao mesmo tempo em que respondem um *quiz* de múltipla escolha sobre o conteúdo ensinado nas aulas. Entretanto, apesar dessa atividade estar prevista no plano de aula e de ter tempo para a realização da mesma, apenas o 8º ano B conseguiu realizá-la. No oitavo ano A, a dupla de residentes acabou optando por não realizá-la, pois, após a finalização do conteúdo programado, os alunos quiseram tirar dúvidas e começaram a debater temáticas e questões pertinentes às aulas e à temática trabalhada.

Últimas aulas do semestre: Trabalhando a habilidade EF08GE19

A última habilidade trabalhada por nós no semestre foi a EF08GE19, que visa desenvolver a capacidade dos alunos de interpretar diferentes formas de representação cartográfica, com ênfase nas anamorfoses geográficas, no contexto do continente africano. O andamento dessas duas aulas foi o que mais apresentou diferenças entre as turmas e, por isso, primeiro será detalhado qual foi o planejamento estabelecido, o plano de aula elaborado e a aplicação do mesmo no oitavo ano B, e depois serão detalhadas as diferenças nas aulas do oitavo ano A.



A sequência didática proposta envolveu duas aulas de 45 minutos cada. No início da primeira aula, os alunos foram divididos em sete grupos, ajustando o número de integrantes com base na quantidade de estudantes presentes. Inicialmente, os residentes que acompanham o 8º ano B questionaram se os alunos sabiam o que era uma anamorfose geográfica, registrando suas respostas no quadro e, em seguida, distribuíram os mapas de anamorfose, um para cada grupo, e os alunos foram convidados a descrever o que observavam nos mapas. Até esse momento, o assunto da aula ainda não havia sido revelado, com o intuito de despertar a curiosidade dos alunos e verificar se reconheciam aquelas representações como mapas.

Posteriormente, aos alunos foram fornecidas folhas de papel sulfite e lhes foi solicitado associar o mapa em mãos a um dos temas apresentados nos *slides*. A intenção era avaliar seus conhecimentos prévios, permitindo que discutissem em grupo e compartilhassem suas associações. Os residentes circularam pela sala, ouvindo as discussões e auxiliando os alunos, enquanto observavam seus conhecimentos e raciocínios. Em seguida, definiu-se e apresentou o conceito de anamorfose geográfica e trabalhou-se as distinções entre as diferentes projeções cartográficas, objetivando evitar confusões conceituais e fornecer aos alunos uma base teórica para compreenderem melhor as técnicas e os conceitos abordados.

Na parte final da aula, foi projetada uma série de perguntas na lousa, e os alunos foram solicitados a respondê-las com base em seus conhecimentos adquiridos durante as aulas e, novamente, os residentes circularam pela sala, participando das discussões, contribuindo para a resolução de dúvidas e auxiliando os alunos. Ao final desta atividade, recolheu-se todo o material utilizado, encerrando a parte prática da aula e, como etapa final, os alunos foram convidados a expressar suas impressões sobre a aula e a atividade realizada, fornecendo um *feedback* sobre o processo de aprendizagem. Essas práticas e atividades foram projetadas para engajar os alunos e estimular seu aprendizado. A abordagem interativa, por meio dos mapas de anamorfose, visava despertar a curiosidade dos alunos e incentivá-los a participar ativamente da aula. Ao retomar os conhecimentos prévios dos estudantes, o professor identificou lacunas e erros conceituais, auxiliando-os a construir uma compreensão mais precisa sobre o tema.

Tendo em vista tais dificuldades encontradas pelos alunos do oitavo ano A, a outra dupla de residentes preferiu inverter a ordem das atividades: primeiro trabalhou-se o conceito de mapas, explicando sua definição, função, uso e elementos indispensáveis para sua elaboração. Depois definiu-se o conceito de anamorfose geográfica e o diferenciou de outras



representações cartográficas, como os mapas esquemáticos e cartogramas. Por fim, realizou-se a mesma atividade prática descrita anteriormente, mas, dessa vez, a atividade foi realizada ao final da aula.

A inversão da ordem das atividades possibilitou notar comportamentos, questionamentos, dificuldades e níveis de participação distintos nas duas turmas. Nas aulas do oitavo ano B, os alunos pareciam mais curiosos em relação aos mapas distribuídos e ficaram mais motivados a tentar responder as perguntas e acertar o tema do mapa, entretanto, eles apresentaram mais dificuldade para compreender os conceitos trabalhados.

Já na outra turma, como houve uma explicação prévia sobre os conceitos que seriam abordados, houve maior facilidade para a resolução das atividades propostas e para a compreensão da habilidade. Os alunos também participaram ativamente da atividade prática, entretanto, não pareceram ter a mesma motivação e curiosidade que o outro oitavo ano.

Apesar das diferenças observadas, destaca-se que o uso de recursos didáticos, como cópias coloridas impressas dos mapas de anamorfose, bloco de notas adesivas, mapa-múndi, quadro e projetor para as apresentações de *slides* foi muito positivo, pois contribuiu para uma abordagem visualmente rica e envolvente e permitiram aos alunos observar e analisar as variações visuais dos mapas, facilitando sua compreensão sobre como as anamorfoses são importantes formas de representação cartográfica e podem representar informações geográficas.

Desta forma, em ambas as turmas as práticas e atividades realizadas em sala de aula proporcionaram aos alunos a oportunidade de desenvolver a habilidade EF08GE19, suscitaram curiosidade e estimularam sua participação nas atividades, contribuindo para um aprendizado mais significativo e possibilitando a retomada e a consolidação de conhecimentos prévios, essenciais no ensino da Geografia.

Considerações finais

Tendo em vista nossas experiências em sala de aula, aplicando a didática proposta no projeto, observamos que a maioria dos alunos atenderam às dinâmicas das aulas e das atividades propostas, ainda que nem todos tenham sido atingidos da mesma forma e alguns tenham ficado mais dispersos no decorrer delas. Como alunos do curso de licenciatura de geografia, grande parte de nós nunca ou poucas vezes ministramos aulas em escolas de ensino fundamental, logo o sentimento de nervosismo estava presente desde a elaboração das aulas até o momento em que finalizamos as atividades com os alunos. Mesmo com adversidades



causadas pela falta de prática, observamos que grande parte dos alunos gostaram das atividades e apresentaram interesse nos assuntos abordados.

Referências bibliográficas

CALDERANO, M. da A. O estágio curricular e os cursos de formação de professores: desafios de uma proposta orgânica. In: CALDERANO, M. da A. (Org.). **Estágio curricular: concepções, reflexões teórico-práticas e proposições**. Juiz de fora: Editora UFJF, 2012.